Com a palavra: Enedir Borges Teixeira

JOSÉ MAURO BATISTA
jose.batista@diariosm.com.br

Aos 77 anos, o médico Enedir Borges Teixeira é uma referência nas áreas da neurologia e da neurocirurgia. Formado em 1964, na 6ª turma de Medicina da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), o especialista participa, com frequência, de congressos nacionais e internacionais, e integra instituições de sua área, de atuação como a Sociedade Brasileira de Neurocirurgia. Há 51 anos, é casado com a professora de inglês Jair de Oliveira Teixeira, com quem teve três filhos. Ricardo (já falecido) e Daniela, seguiram a profissão do pai, enquanto a terceira filha, Michele, é advogada. O avô de Mariana, 25 anos, Arthur, 7, e Lara, 4, gosta de viajar, mas diz ter hábitos simples, como reunir família e amigos em uma propriedade no interior de Santa Maria. Por enquanto, diz ele, não pensa em se aposentar. Confira mais na entrevista a seguir.

Porta Retrato

ARQUIVO PESSOAL

O neurocirurgião no bloco cirúrgico do Hospital Caridade, onde atua (1). O médico posa com a mulher, Jair, com quem é casado há 51 anos (2). Enedir recebeu o Latinamerican Quality Awards, como destaque em Neurologia, na Cidade do México, no ano passado (3). Em 2015, foi laureado com o Prêmio Excelência e Qualidade Brasil (4). Além do trabalho, o prazer do médico é estar em família (5). Na foto, a filha Daniela e o marido, José; Enedir com a neta Lara; a esposa Jair, a filha Michele, com o marido, Cássio, e o neto Arthur

Diário – Como foi a escolha pela Medicina?

Enedir Borges Teixeira – Eu nasci em São Francisco da Paula e, em 1959, vim para Santa Maria para estudar Medicina. A escolha da medicina foi apenas uma questão de gosto. Em 1964, eu me formei na 6ª turma do curso na UFSM. Depois, fui fazer residência em Neurocirurgia com o Dr. Eliseu Pagliogli (médico e professor, pioneiro da neurocirurgia no Brasil).

Diário – E como surgiu o interesse pela área em que o senhor atua, a neurologia, mais especificamente pela neurocirurgia?

Enedir – Aí, a história é um pouco mais longa. Quando me formei, não havia neurocirurgia no interior do Estado. Então, eu me especializei no Instituto de Neurocirurgia de Porto Alegre. Os progressos foram surgindo e eu fui acompanhando todos os avanços da área, científicos, tecnológicos, participando de cursos e congressos. Fiz curso de microcirurgia, na Suíça, com o professor Yasargil (Gazi Yasargil, cientista da área de microcirurgia de renome internacional).

Diário – O senhor lecionou no curso de Medicina da UFSM. Quais suas contribuições além da formação de novos médicos?

Enedir – Na UFSM, eu entrei como professor contratado. Antes disso, junto com o Mariano da Rocha Filho, criamos a disciplina de neurocirurgia, a primeira no currículo de uma universidade do Interior. Interiorizamos a neurocirurgia a partir da criação dessa cadeira no curso de Santa Maria. Depois, por concursos internos, tornei-me professor titular em Neurocirurgia. Como professor, ajudei a formar centenas de novos médicos. Fui escolhido inúmeras vezes como professor homenageado, paraninfo e patrono de turmas de Medicina. Sempre procurei manter-me atualizado, introduzindo novas técnicas, como a biópsia estereotáxica e a cirurgia minimamente invasiva, propiciando melhor tratamento para lesões profundas, além das técnicas rotineiras. A neuroendoscopia veio como técnica cirúrgica e também como ferramenta complementar à microcirurgia convencional. E, ainda, junto ao Hospital de Caridade, também criamos o Serviço de Neurorradiologia e Radiologia Vascular Intervencionista.

Diário – O senhor tem ideia de quantos pacientes atendeu e quantas cirurgias fez?

Enedir – Não tenho uma estimativa de quantas pessoas passaram pelo meu consultório. Foram milhares. Só cirurgias são pelo menos quatro por semana nesses anos todos. Não contabilizei, mas ainda tenha-se em conta as urgências e emergências. A cirurgia mais longa, um procedimento para remoção de um tumor no cérebro, levou mais de 10 horas, tempo no qual o cirurgião fica restrito tão somente à sala de cirurgia.

Diário – O senhor constituiu família em Santa Maria...

Enedir – Eu e minha esposa, Jair, somos casados há 51 anos. Dos nossos três filhos, um homem e duas mulheres, dois se formaram em medicina: o Ricardo, neurocirurgião, e a Daniela, especializada em neurorradiologia. E tem a Michele, que é advogada. A Daniela é esposa do José, que é empresário; e a Michele é casada com o Cássio, defensor público. Tenho um neto, o Arthur, de 7 anos, duas netas: a Lara, de 4 anos, e a Mariana, de 25 anos, já casada.

Diário – Fora a profissão, do que mais o senhor gosta?

Enedir – Ah! Da família. Não tenho muita atividade fora da minha profissão, não tenho um hobby, não pratico esporte. Tenho uma chácara no distrito de Pains, onde me reúno com a família e com os amigos. Gosto de viajar com a família e gostaria de viajar mais, mas não dá. Como médico, o mais importante é o paciente.

Diário – Como médico, como o senhor vê a relação entre a vida e a morte?

Enedir – Acredito em Deus e sou católico. A vida tem de ser entendida e compreendida como uma extensão da concepção à finitude, o que inclui alegrias e tristezas, vitórias, decepções. É o período entre o nascimento, que não pedimos, e a morte, que não queremos, mas que não podemos mudar, e no qual temos que nos definir como seres humanos e lidar com as coisas da vida.

Diário – O senhor nunca quis entrar na política?

Enedir – Não. Exercer a neurologia e a neurocirurgia é mais fácil.

Diário – Quando o senhor pretende se aposentar?

Enedir – Não pretendo me aposentar. Me aposentar para